



STANLEY G. WEINBAUM

**OS ÓCULOS DE
PIGMALEÃO**



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."



OS ÓCULOS DE PIGMALEÃO



STANLEY WEINBAUM, 1935

— Mas o que é a realidade? — perguntou o homem semelhante a um gnomo. Ele gesticulou para os amontoados de edifícios gigantescos erguidos em torno do Central Park, com suas inúmeras janelas brilhando como as fogueiras das cavernas de uma cidade do povo Cro-Magnon. — Tudo é sonho, tudo é ilusão; eu sou fruto da sua imaginação, assim como você é da minha.

Dan Burke, lutando para clarear a mente através dos efeitos da bebida, olhou confuso para a pequena figura de seu companheiro. Começou a arrepender-se do impulso que o levara a deixar a festa em busca de ar fresco no parque e acabar, por acaso, na companhia do baixinho maluco. Mas teve de fugir da festa; já estava exausto da agitação, e nem mesmo a presença de Claire, com seus tornozelos

esguios, poderia segurá-lo lá. Ele sentiu um desejo colérico de ir para casa — não para o hotel, e sim para sua casa em Chicago e para a relativa paz da Junta Comercial. De todo modo, partiria no dia seguinte.

— Você bebe para tornar um sonho real, não é? — perguntou o barbudo de rosto élfico. — Ou para sonhar que o que você busca é seu ou, então, para que o que você odeia foi conquistado. Bebe para escapar da realidade, e a ironia é que até mesmo a realidade é um sonho.

Maluquice, pensou Dan.

— Ou ao menos é o que diz o filósofo Berkeley — concluiu o outro.

— Berkeley? — ecoou Dan. Sua cabeça estava clareando; as memórias de uma aula do segundo ano em filosofia básica voltaram. — Bispo Berkeley, hein?

— Então você o conhece? O filósofo do idealismo, não é? Aquele que argumenta que não vemos, sentimos, ouvimos ou provamos o objeto; apenas temos a sensação de ver, sentir, ouvir ou saborear.

— Eu... me lembro um pouco.

— Ah! Mas as sensações são fenômenos *mentais*. Elas existem em nossas mentes. Como sabemos, então, que os próprios objetos não existem só em nossas mentes? — Ele acenou novamente para os edifícios pontilhados de luz. — Você não vê aquela parede de alvenaria; apenas sente; uma sensação de visão. O resto você interpreta.

— Você vê a mesma coisa — retrucou Dan.

— Como você sabe disso? Mesmo se soubesse que o que chamo de vermelho não é verde, como sabe que eu também não sou um

sonho seu?

Dan riu: — É claro que *ninguém sabe* de nada. Só obtemos todas as informações que pudemos através das janelas dos cinco sentidos e, em seguida, fazemos suposições. Quando elas estão erradas, você arca com as consequências. — A mente dele clareou, exceto por uma leve dor de cabeça. — Escute — disse de repente. — Você pode fazer a realidade parecer uma ilusão; isso é fácil. Mas se seu amigo Berkeley está certo, por que não pode pegar um sonho e torná-lo real? Se funciona por um lado, deve funcionar pelo outro.

A barba balançou; olhos élficos brilharam estranhamente. — Todos os artistas fazem isso — disse o velho, calmo. Dan sentiu que algo mais a ser pronunciado pairou.

— Isso é evasivo — grunhiu ele. — Qualquer um pode dizer a diferença entre uma imagem e a coisa real, ou entre um filme e a vida.

— Mas quanto mais real melhor, não? — sussurrou. — E se alguém pudesse fazer um... um filme... *bem* real, o que você diria?

— Mas ninguém pode.

Mais uma vez, os olhos brilharam de modo estranho. — Eu posso — segredou. — Eu fiz!

— Fez o quê?

— Transformei um sonho em realidade! — A voz se exaltou: — Tolos! Vim aqui para vender para Westman, o pessoal da câmera, e o que eles dizem? “Não está claro. Apenas uma pessoa pode usá-lo por vez. É muito caro.” Tolos! Tolos!

— Hein?

— Ouça! Eu sou Albert Ludwig, *professor* Ludwig. — Diante do silêncio de Dan, continuou: — Não significa nada para você? Mas

ouça. Um filme com imagem e som. Suponha, agora, que eu acrescente sabor, cheiro e até toque, se você se interessar pela narrativa. Suponha que eu te faça entrar na história. Você fala com as sombras, e elas respondem; e ao invés de estar em uma tela, a história o cerca e você está nela. Isso seria tornar um sonho realidade?

— Como diabos você pode fazer isso?

— Como? *Como?* É simples! Primeiro com meu líquido positivo, depois com meus óculos mágicos. Fotografo a história em um líquido com cromatos sensíveis à luz. Desenvolvo uma solução complexa, entende? Acrescento sabor com química e som com eletricidade. E quando a história é gravada, coloco a solução no meu espetáculo, meu projetor de cinema. Decomponho a solução com eletrólise; os cromatos mais antigos vão primeiro, seguidos pela história, visão, som, cheiro, sabor — tudo!

— E o tato?

— Se ficar interessado, sua mente fornecerá isso. — A ansiedade surgiu na voz: — Você vai experimentar, senhor...?

— Burke — disse Dan. *Uma farsa!*, pensou. Mas, em seguida, uma faísca de imprudência brilhou no resto do álcool ainda presente. — Claro. Por que não? — grunhiu.

Dan se levantou; Ludwig, de pé, quase não chegava ao ombro dele. *Gnomo velho esquisito*, pensou Dan enquanto o seguia pelo parque até um dos muitos apart-hotéis nas proximidades.

Em seu quarto, Ludwig vasculhou uma bolsa, revelando um dispositivo vagamente parecido com uma máscara de gás, com um par de óculos de proteção e um bocal de borracha. Dan o examinou com curiosidade, enquanto o professor barbudo brandia uma garrafa

com um líquido aguado.

— Aqui está! — regozijou Ludwig. — Meu líquido positivo, a história. Uma fotografia complexa, infernalmente complexa; portanto, a história é mais simples. Uma utopia. Apenas dois personagens e você, a audiência. Agora, coloque os óculos e me diga como o pessoal do Westman é idiota! — Ele gotejou um pouco do líquido na máscara e arrastou o fio torcido até um dispositivo sobre a mesa. — Um retificador, para eletrólise — explicou.

— Você precisa usar todo o líquido? — perguntou Dan. — Se usar um pouco, vê só uma parte da história? E qual?

— Cada gota contém tudo, mas você deve preencher as lentes. — Dan colocou o dispositivo com cuidado. — E então?! O que você vê?

— Absolutamente nada. Só as janelas e as luzes do outro lado da rua.

— Claro. Mas vou começar a eletrólise. Agora!



Houve um momento de caos. Sons amorfos zumbiram e o líquido diante dos olhos de Dan de repente ficou branco. Ele se moveu para arrancar o dispositivo de sua cabeça. Contudo, formas enormes contorcendo-se emergiam na névoa e chamaram sua atenção.

A cena se estabilizou; a brancura estava se dissipando como a névoa no verão. Incrédulo, segurando os braços de uma cadeira invisível, Dan fitava uma floresta. Mas que floresta! Incrível, linda, de outro mundo! Troncos lisos — de árvores bizarras como as do Período Carbonífero — se elevavam inconcebivelmente em direção a um céu cada vez mais claro. No alto infinito balançavam folhas enevoadas, e o verdor parecia misturar com marrom. E havia

pássaros — bem, piores adoráveis soavam em torno dele, embora este não visse nenhuma criatura —; ouvia-se suaves assobios como clarins de fadas.

Dan ficou em transe, paralisado. Um fragmento de melodia mais intenso flutuou até ele, variando em explosões requintadas e estáticas; ora claras como o ressoar do metal, ora suaves como uma música lembrada. Por um momento, ele se esqueceu da cadeira, cujos braços ele ainda segurava, do miserável quarto de hotel invisível ao seu redor, de sua dor de cabeça e do velho Ludwig. Dan se imaginou sozinho no meio daquela linda clareira. — Éden! — murmurou, e a música crescente de vozes invisíveis respondeu.

Ilusão!, pensou ele, recobrando parte da razão. *São dispositivos ópticos inteligentes, não a realidade.* Dan bateu em busca do braço da cadeira, encontrou-o e agarrou-se a ele; raspou os pés e mais uma vez encontrou uma incoerência. Sob sua visão, o solo era de um verde musgoso; ao toque, era apenas um tapete raso de hotel.

Sutis, os clarins élficos soaram. Um perfume suave e agradavelmente doce soprou contra Dan; este olhou para cima para observar a abertura de uma grande flor vermelha na árvore mais próxima e um minúsculo sol avermelhado projetando-se no céu circular. A orquestra de fadas soou mais alto sob sua luz, e as notas enviaram uma sensação de melancolia através do homem. Ilusão? Se fosse, tornava a realidade quase insuportável; ele queria acreditar que em algum lugar — em algum lugar naquele lado dos sonhos, realmente existia a região de beleza. Um posto avançado do Paraíso? Talvez.

Em seguida, bem no centro das brumas rarefeitas, ele captou um movimento além do balanço das folhas, um brilho prateado mais

sólido do que a névoa. Algo se aproximou. Dan observou a figura enquanto ela se movia, ora visível, ora oculta por árvores; logo ele percebeu que era humana, mas ela estava quase sobre ele quando este percebeu que se tratava de uma mulher.

Ela vestia uma túnica prateada e meio translúcida, luminosa como raios estelares, e uma fina faixa de prata prendia seu brilhante cabelo preto sobre sua testa; não tinha nenhuma outra vestimenta ou ornamento. Seus minúsculos pés alvos estavam descalços sob o chão coberto de musgo da floresta, a não mais que um passo longe de Dan; com olhos escuros, ela o fitava. A música suave soou novamente e a mulher sorriu.

Os pensamentos de Dan vacilaram. Isso também era uma... ilusão? Ela era menos real que a encantadora floresta? Ele abriu os lábios para falar, mas uma voz tensa e agitada soou em seus ouvidos: — Quem é você? — Ele tinha falado? A voz surgiu como se fosse de outra pessoa, como o som das palavras de alguém febril.

A mulher sorriu mais uma vez e, devagar e com cautela, em tons suaves e estranhos, disse:— Português! Eu consigo falar um pouco em português. — Aprendi com... — hesitou — o pai da minha mãe, a quem chamam de Tecelão Cinza.

Novamente a voz atingiu os ouvidos de Dan. — Quem é você?

— Me chamo Galateia — disse ela. — Vim para te encontrar.

— Me encontrar? — ecoou a voz de Dan.

— Leucon, conhecido por Tecelão Cinza, me contou — explicou ela, sorrindo. — Ele disse que você vai ficar conosco até o segundo meio-dia. — A mulher lançou um rápido olhar oblíquo para o sol pálido acima da clareira, cheio naquele momento, e então se aproximou. — Qual é o seu nome?

— Dan — murmurou ele. Sua voz soou diferente.

— Que nome estranho! — disse a mulher e estendeu um braço nu. — Venha — sorriu.

Dan tocou a mão estendida e sentiu, sem nenhuma surpresa, o calor vivo de seus dedos dela. Ele havia se esquecido dos paradoxos da ilusão; já não lhe parecia mais ilusão, e sim a própria realidade. Pareceu-lhe que seguia Galateia, caminhando sobre a relva sombreada que cedia — com um estalido elástico — sob seus passos, embora a mulher quase não tivesse deixado uma pegada. Ele olhou para baixo, notando que usava uma vestimenta prateada e seus pés estavam descalços; com o olhar, sentiu uma brisa leve em seu corpo e uma sensação de terra musgosa sob suas solas.

— Galateia — disse sua voz. — Que lugar é esse? Que língua você fala?

Ela olhou para trás, rindo: — Ora, estamos em Paracosma, é claro, e esta é a nossa língua.

— Paracosma — murmurou Dan. — Para... cosma! — Um fragmento de grego, sobrevivente de uma aula do segundo ano, uma década atrás, voltou a ele. Paracosma! Terra além do mundo!

Galateia lançou-lhe um olhar sorridente e perguntou: — O mundo real parece estranho depois daquela sua terra de sombras?

— Terra de sombras? — ecoou Dan, perplexo. — *Esta* é a das sombras, não o meu mundo.

O sorriso da mulher ficou interrogativo, e ela respondeu com um beicinho atrevido: — E suponho, então, que *eu* sou o fantasma, em vez de você! — riu. — Me pareço com um fantasma?

Dan não respondeu; estava intrigado com perguntas irrespondíveis enquanto caminhava atrás da figura esguia de sua

guia. O corredor entre as árvores desconhecidas se alargou, e as árvores gigantes diminuíram. Percorreram um quilômetro e meio, talvez, antes que um som de água tilintando obscurecesse aquela outra música estranha; emergiram na margem de um pequeno rio veloz e cristalino, que ondulou e gorgolejou da lagoa brilhante para corredeiras reluzentes, cintilando sob o sol pálido. Galateia curvou-se sobre a borda e colocou as mãos em concha, levando alguns goles de água aos lábios; Dan seguiu seu exemplo, encontrando o frio mordaz do líquido.

— Como fazemos a travessia? — perguntou ele.

— Você pode caminhar até lá — a dríade que o conduziu gesticulou para uma parte rasa iluminada pelo sol, acima de uma pequena cachoeira —, mas eu sempre atravesso aqui. — Ela se posicionou por um momento na margem verde, então mergulhou como uma flecha de prata no lago. Dan a seguiu; a água atingiu seu corpo como champanhe, mas uma braçada ou duas o levaram até onde Galateia emergiu. A vestimenta desta agarrava-se com força a seu corpo nu, molhado e brilhante, como uma bainha de metal; Dan sentiu uma emoção de tirar o fôlego ao vê-la. E então, milagrosamente, o tecido prateado secou, as gotas rolaram velozes como se estivessem sobre seda oleada.

A incrível floresta terminou com o rio; eles caminharam por um prado cravejado de pequenas flores em formato de estrela, em tons variados, cujas folhas sob os pés eram macias como um gramado. Mesmo assim, os doces silvos seguiam-nos, ora altos, ora suaves como um sussurro, em uma tênue teia melódica.

— Galateia! — disse Dan de repente. — De onde vem a música?

Ela olhou para trás, maravilhada. — Seu bobo! — riu. — Das

flores, é claro. Veja! — A mulher arrancou uma estrela roxa e a aproximou da orelha dele; de fato uma melodia tênue e lamuriosa ecoou da flor. Galateia a jogou no rosto assustado dele e continuou a caminhar.

Um pequeno bosque apareceu à frente, não com as gigantescas árvores da floresta, mas sim com as de tamanho menor, com flores e frutos de cores iridescentes e um riacho. E lá estava o objetivo da jornada: uma construção de pedra branca semelhante a mármore, de um único andar e coberto de trepadeiras, com amplas janelas sem vidros. Eles percorreram um caminho de seixos brilhantes até a entrada em arco e ali, em um intrincado banco de pedra, encontraram um indivíduo sentado, venerável e de barba grisalha. Galateia dirigiu-se a ele em uma linguagem fluida, que lembrou a Dan do desabrochar das flores; então o ancião se virou. — Este é Leucon — disse ela, enquanto ele levantava-se de seu assento.

— Galateia e eu estamos felizes em recebê-lo — disse ele em português —, já que os visitantes são um raro prazer, aqui, e os de sua terra das sombras são ainda mais raros.

Perplexo, Dan proferiu palavras de agradecimento. O velho assentiu, voltando a sentar-se no banco esculpido. Galateia saltou pela entrada em arco e Dan, após um momento de indecisão, deixou-se cair no espaço restante do banco. Mais uma vez seus pensamentos giravam em um turbilhão. Isso tudo era uma mera ilusão? Ele estava realmente sentado em um quarto de hotel prosaico, espiando este mundo a seu redor através de óculos mágicos, ou tinha sido transportado por algum milagre e estava mesmo sentado ali, naquela terra de beleza? Tocou o banco; a pedra dura e inflexível encontrou seus dedos.

— Leucon — disse sua voz —, como sabia que eu estava vindo?

— Fui informado.

— Por quem?

— Por ninguém.

— Ora, *alguém* deve ter lhe contado!

O Tecelão Cinza balançou a cabeça, solene. — Apenas fui informado.

Dan parou de questionar, satisfeito em absorver a beleza ao seu redor. Galateia retornou, trazendo uma tigela de cristal com frutas estranhas, empilhadas em uma desordem colorida: vermelha, roxa, laranja e amarela, em formato de pera, de ovo e de esferoides agrupados; fantásticos. Ele selecionou um ovoide transparente e pálido, mordeu-o e foi inundado pela torrente de um líquido doce, para a diversão da mulher. Ela riu e escolheu um fruto semelhante; mordeu um pequeno furo na extremidade e espremeu o conteúdo em sua boca. Dan escolheu um diferente, roxo e ácido como vinho renano, e depois outro, cheio de sementes amendoados comestíveis. Galateia riu, encantada com suas surpresas; até mesmo Leucon sorriu. Finalmente Dan jogou a última casca no riacho ao lado deles, onde ela dançou rapidamente em direção ao rio.

— Galateia — disse ele —, você costuma frequentar alguma cidade? Que cidades existem em Paracosma?

— Cidades? O que são cidades?

— Lugares onde muitas pessoas moram próximas.

— Ah — disse a mulher, franzindo a testa. — Não. Não há cidades aqui.

— Então onde está o povo de Paracosma? Vocês devem ter vizinhos.

Ela pareceu confusa. — Um homem e uma mulher vivem lá — disse, gesticulando em direção a uma distante cadeia azul de colinas obscuras no horizonte. — Lá longe. Fui lá uma vez, mas Leucon e eu preferimos o vale.

— Mas Galateia! — protestou Dan. — Você e Leucon vivem sozinhos neste vale? Onde... O que aconteceu com seus pais... seu pai e sua mãe?

— Foram embora. Para lá, perto do nascer do sol. Eles vão voltar algum dia.

— E se não voltarem?

— Ora, seu tolo! O que poderia impedi-los?

— Animais selvagens — disse Dan. — Insetos venenosos, doenças, inundações, tempestades, foras da lei, morte!

— Nunca ouvi essas palavras — disse Galateia. — Não existem tais coisas aqui. — Ela fungou desdenhosa. — Foras da lei!

— Mas... e a morte?

— O que é a morte?

— É... — Dan pausou, desamparado. — É como adormecer e nunca mais acordar. É o que acontece com todos no fim da vida.

— Nunca ouvi falar de *fim da vida*! — disse a mulher decididamente. — Isso não existe.

— O que ocorre, então, quando alguém envelhece? — perguntou Dan, desesperado.

— Nada, seu bobo! Ninguém envelhece; a menos que queira, como Leucon. Só vai até a idade que mais gosta e depois para. É uma lei!

Dan reuniu seus pensamentos caóticos e fitou os olhos escuros e adoráveis de Galateia. — Você já parou?

Os olhos escuros cravaram o chão. Dan ficou surpreso ao ver um rubor profundo e acanhado espalhar-se pelas bochechas da mulher. Ela olhou para Leucon, sentado e balançando a cabeça pensativamente em seu banco, e então de volta para Dan, encontrando seu olhar.

— Ainda não — disse Leucon.

— E quando vai parar, Galateia?

— Quando eu tiver o filho que me é permitido. Mas o ponto é que não se pode... — ela olhou para os dedos delicados dos pés — ter filhos... depois.

— Permitido? Permitido por quem?

— Por uma lei.

— Leis! Tudo aqui é governado por leis? E quanto ao acaso e acidentes?

— O que é acaso e acidentes?

— Coisas inesperadas... imprevistas.

— Nada é imprevisto — disse Galateia, ainda séria. Ela repetiu lentamente: — Nada é imprevisto. — Dan imaginou que a voz dela estava melancólica.

Leucon ergueu os olhos e disse abruptamente: — Já chega. — Então se virou para Dan: — Eu conheço essas suas palavras: acaso, doença, morte. Elas não são para Paracosma. Mantenha-as em sua terra ilusória.

— Onde as ouviu, então?

— Da mãe de Galateia — disse o Tecelão Cinza —, que as herdou de seu antecessor, um fantasma que veio aqui antes de Galateia nascer.

Dan teve uma visão do rosto de Ludwig. — Como ele era?

— Como você.

— Mas qual era o nome dele?

A boca do velho franziu de repente. — Não falamos dele — disse e se levantou, entrando na casa em um silêncio impassível.

— Ele vai tecer — disse Galateia após um momento. Seu rosto adorável ainda estava aflito.

— O que ele tece?

— Isto. — Ela tocou o pano prateado de seu vestido. — Ele o tece com barras de metal em uma máquina muito engenhosa. Não conheço o método.

— Quem fez a máquina?

— Estava aqui.

— Mas... Galateia! Quem construiu a casa? Quem plantou essas árvores frutíferas?

— Elas estavam aqui. A casa e as árvores sempre estiveram aqui. — Ela ergueu os olhos. — Eu te disse que tudo estava previsto, desde o início até a eternidade... tudo. A casa, as árvores e a máquina estavam prontas para mim, meus pais e Leucon. Há um lugar para minha criança, que será uma menina, e um lugar para a dela... E assim por diante, para sempre.

Dan pensou por um momento e perguntou: — Você nasceu aqui?

— Não sei.

O homem notou, com repentina preocupação, que os olhos dela estavam brilhando com lágrimas. — Galateia, querida! Por que você está triste? O que há de errado?

— Ora, nada! — Ela balançou seus cachos negros e sorriu de repente para ele. — O que poderia estar errado? Como alguém pode ser triste em Paracosma? — Ela se empertigou e agarrou a mão de

Dan. — Venha! Vamos colher frutas para amanhã.

Ela disparou em um redemoinho prateado e Dan a seguiu ao redor da asa do edifício. Graciosa como uma dançarina, saltou para um galho acima de sua cabeça; pegou Dan rindo e jogou-lhe um grande globo de ouro. Galateia encheu os braços dele com os prêmios brilhantes e o mandou de volta ao banco; ela empilhou tantas frutas que um dilúvio de esferas coloridas caiu ao redor dele. Ela riu de novo e os mandou girando para dentro do riacho com estocadas de seus dedos dos pés rosados, enquanto Dan a observava com uma tristeza dolorosa. Então, de repente, ela estava frente a ele. Por um longo e tenso instante, permaneceram imóveis, olhos sobre olhos; em seguida ela se virou e caminhou lentamente ao redor do portal arqueado. Dan a seguiu com o fardo de frutas; sua mente estava mais uma vez em um turbilhão de perplexidade.

O sol estava se perdendo atrás das árvores daquela floresta colossal a oeste e um frescor agitava-se entre as sombras compridas. O riacho era arroxeadado ao entardecer, mas suas notas alegres ainda se misturavam com a música das flores. E então o sol foi encoberto; os dedos da sombra escureceram o prado. De repente, as flores ficaram imóveis e o riacho borbulhou sozinho em um mundo de silêncio. Também em silêncio, Dan atravessou a entrada.

A câmara interna era espaçosa, com bancos requintados de mármore esculpido distribuídos pelo piso de grandes quadrados pretos e brancos. Em um canto distante, o velho Leucon curvou-se sobre um mecanismo intrincado e reluzente e retirou um pedaço de tecido prateado dele quando Dan entrou, dobrou-o e o colocou cuidadosamente de lado. Havia um fato curioso e sobrenatural que

Dan notou; apesar das janelas abertas à noite, nenhum inseto noturno circulava os globos que brilhavam em intervalos nas paredes.

À esquerda de Dan, Galateia estava encostada contra a soleira da porta; ele pôs a tigela de frutas em um banco na entrada e caminhou até a mulher.

— Este é seu — disse ela, indicando um quarto. Dan olhou para o cômodo agradável e menor; um quadrado estrelado emoldurava uma janela, e um fluxo fino, rápido e quase silencioso de água jorrou da boca de uma cabeça humana esculpida na parede esquerda, preenchendo uma bacia de 1,80 metros afundada no chão. Outros daqueles elegantes bancos cobertos com tecido prateado completavam a mobília; uma única esfera brilhante, pendurada no teto por uma corrente, iluminava o espaço. Dan voltou-se à mulher, cujos olhos ainda estavam estranhamente sérios.

— Parece ótimo — disse ele. — Mas como vou apagar a luz, Galateia?

— Apagar? Você deve fechá-la assim! — Um leve sorriso retornou a seus lábios quando ela derrubou uma cobertura de metal sobre a esfera brilhante. Eles ficaram tensos na escuridão; Dan sentiu-se atormentado pela proximidade dela, e então a luz foi reacendida. Galateia moveu-se em direção à porta e parou, pegando a mão de Dan.

— Cara sombra, espero que seus sonhos sejam música — disse ela suavemente e partiu.

Em seu quarto, Dan hesitou; olhou para a grande sala onde Leucon ainda se curvava sobre seu trabalho, e o Tecelão Cinza, sem dizer nada, ergueu a mão em uma saudação solene. Dan não sentiu

nenhum desejo pela companhia silenciosa do velho e foi se preparar para dormir.



Quase de imediato, o amanhecer pareceu estar sobre Dan; silvos élficos vibrantes rodeavam-no, enquanto o estranho sol vermelho espalhava luz pelo cômodo. Ele se levantou, tão consciente de seu entorno que era como se não tivesse dormido nada. O lago o tentou e ele se banhou na água fria. Depois disso, emergiu na câmara central, observando com curiosidade que os globos ainda brilhavam em fraca rivalidade com a luz do dia. Ele tocou em um por acaso; era frio como metal para seus dedos e erguia-se livre de amarras. Por um momento, Dan segurou a coisa fria e flamejante em suas mãos, e então a recolocou e vagou durante a manhã.

Enquanto isso, Galateia dançava no caminho, comendo uma fruta estranha tão rosada quanto seus lábios. Estava alegre de novo, voltou a estar como a ninfa feliz que o cumprimentara em sua chegada. Ela deu-lhe um sorriso brilhante, enquanto ele escolhia um ovoide verde doce para comer de café da manhã.

— Vamos para o rio! — chamou Galateia.

Ela correu em direção à floresta; Dan a seguiu, maravilhado com o fato de ela ser tão veloz quanto ele, que tinha músculos muito mais fortes. Logo, estavam rindo no lago, espirrando água, até que Galateia — resplandecente e ofegante — se aproximou da margem. Ele a acompanhou enquanto ela relaxava; estranhamente, ele não estava cansado nem sem fôlego, sem nenhuma sensação de fadiga. Uma pergunta ainda não feita se repetiu em sua mente.

— Galateia — disse sua voz —, quem você tomará como seu companheiro?

— Não sei — respondeu ela com um olhar sério. — Na hora certa ele virá. É a lei.

— E você ficará feliz?

— Claro. — Ela pareceu preocupada. — Não somos todos felizes?

— Não onde eu vivo, Galateia.

— Então esse seu mundo fantasmagórico deve ser um lugar estranho. Um lugar terrível.

— Às vezes, é — concordou Dan. — Eu queria... — pausou. O que ele queria? Não estava falando com uma ilusão, um sonho, uma aparição? Analisou a mulher; os cabelos negros brilhantes, seus olhos, sua pele branca e macia... E então, por um momento trágico, tentou sentir os braços daquela cadeira de hotel monótona sob suas mãos... e falhou. Sorriu. Estendeu os dedos para tocar o braço nu de Galateia, e por um instante ela o fitou com olhos sóbrios e assustados e pôs-se de pé em um salto.

— Vamos! Quero te mostrar minha terra. — Ela seguiu o riacho e Dan se levantou com relutância para segui-la.

Que dia fantástico! Eles percorreram o pequeno rio, desde um lago tranquilo até as corredeiras cantantes, e sempre sobre eles, vindos das vozes das flores, haviam estranhos chilreios e silvos. Cada curva trazia uma nova visão de beleza; uma nova sensação de deleite a cada momento. Eles conversaram e ficaram em silêncio; quando estavam com sede, o rio fresco estava próximo; quando estavam famintos, as frutas ofereciam-se. Quando estavam cansados, havia sempre um lago profundo e um banco de musgo; e quando estavam descansados, uma nova beleza acenava. As árvores incríveis erguiam-se em inúmeras formas fantasiosas, mas no lado do rio em que se encontravam tinha também o prado estrelado por

flores. Galateia entrelaçou para a cabeça de Dan uma guirlanda de flores brilhantes, e depois disso ele se moveu sempre como se estivesse sob uma doce canção. Contudo, aos poucos o sol vermelho se inclinou em direção à floresta e as horas foram se passando. Foi Dan quem apontou isso e, relutantemente, eles voltaram à casa.

No caminho de volta, Galateia cantou uma canção estranha, lamentosa e doce como a mistura do rio com a música das flores. E seus olhos voltaram a ficar tristes.

— Que canção é essa? — perguntou Dan.

— É uma canção cantada por outra Galateia, minha mãe. — Ela colocou a mão no braço do companheiro. — Vou entoá-la em português para você — disse ela e começou a cantar:

“O rio jaz em flor e samambaia,
Em flores e samambaias ele respira uma canção.
Respira uma canção de seu retorno,
Do seu retorno em anos muito longos.
Em anos muito longos, seus murmúrios trazem
Os murmúrios trazem suas respostas vãs,
Suas respostas vãs as flores cantam,
As flores cantam ‘O rio jaz!’”

A voz dela tremeu nas notas finais. Houve silêncio, exceto pelo tilintar da água e cornetins das flores.

— Galateia... — disse Dan e fez uma pausa. A mulher voltou a ficar com olhos sombrios e lacrimosos. Com a voz rouca, continuou: — Essa é uma música triste. Por que sua mãe estava triste? Você disse que todos são felizes em Paracosma.

— Ela quebrou uma lei — respondeu desanimada. — É o caminho natural para o sofrimento. — Ela encarou Dan. — Ela se apaixonou

por um fantasma! Um ser de sua espécie das sombras, que veio, passou um tempo e então precisou voltar. Então, quando o amante designado para ela chegou, era tarde demais, entende? Mas ela finalmente se rendeu à lei e será infeliz para sempre, vagando no mundo de um lugar para outro. — Ela fez uma pausa e depois disse: — Eu nunca vou infringir uma lei.

Dan pegou a mão dela. — Eu não gostaria que você fosse infeliz, Galateia. Quero que você seja sempre feliz.

Ela balançou a cabeça. — *Eu sou* feliz — disse ela, e deu um sorriso tenro e melancólico.

Eles ficaram por um longo tempo em silêncio durante o caminho de volta para a casa. As sombras dos gigantes da floresta alcançaram o rio enquanto o sol se escondia atrás deles. Por um momento, caminharam de mãos dadas, mas quando alcançaram o caminho de brilho pedregoso perto da casa, Galateia se afastou e ultrapassou o companheiro. Dan a seguiu o mais rápido que pôde; quando ele chegou na casa, Leucon sentou-se em seu banco perto do portal e Galateia parou na soleira. Ela observou a aproximação de Dan, e este mais uma vez imaginou o brilho de lágrimas nos olhos dela.

— Estou muito cansada — disse ela, e entrou na casa.

Dan se moveu para segui-la, no entanto o velho levantou a mão para impedi-lo.

— Amigo das sombras — disse Leucon —, pode me ouvir por um momento?

Dan parou, aquiesceu e se deixou cair no banco oposto. Teve uma sensação de mau agouro; nada agradável o esperava.

— Há algo a ser dito — continuou Leucon —, e o digo sem desejo

de lhe causar dor, se é que fantasmas sentem dor. É o seguinte. Galateia o ama, embora eu acredite que ela ainda não percebeu isso.

— Eu também a amo — disse Dan.

O Tecelão Cinza olhou para ele. — Não entendo. A substância, de fato, pode amar a sombra, mas como a sombra pode amar a substância?

— Eu a amo — insistiu Dan.

— Ai de vocês! Isso é impossível em Paracosma; é um conflito com as leis. O companheiro de Galateia foi nomeado, talvez já esteja chegando

— Leis! Leis! — murmurou Dan. — De quem são essas leis? Não são minhas nem de Galateia!

— Elas são, sim — disse o Tecelão Cinza. — Não cabe a mim nem a você criticá-las... embora ainda me pergunte que poder seria capaz de anulá-las a ponto de permitirem sua presença aqui!

— Eu não tenho voz nas suas leis.

Sob o crepúsculo, o velho olhou para Dan e perguntou: — Alguém, em algum lugar, tem voz nas leis?

— De onde eu venho, sim — retrucou Dan.

— Loucura! — rosnou Leucon. — Leis feitas pelo homem! Para que servem as leis feitas pelo homem, com penalidades definidas pelos mesmos, ou sequer uma penalidade? Se vocês, sombras, fazem uma lei que diz que o vento sopra apenas do leste, o vento oeste a obedece?

— Você tem razão — reconheceu Dan, amargurado. — Elas podem ser estúpidas, mas não são mais injustas do que as suas.

— As nossas são as leis inalteráveis do mundo — disse o Tecelão

Cinza —, as leis da natureza. Violá-las sempre gera infelicidade. Eu vi isso; na mãe de Galateia, embora Galateia seja mais forte do que ela. — Ele fez uma pausa e, em seguida, continuou: — Agora, só peço misericórdia; sua estada é curta, e lhe suplico que não faça mais mal do que já fez. Seja misericordioso; não dê à Galateia mais com o que se arrepender.

O velho se levantou e passou pelo arco; quando Dan o seguiu, um momento depois, ele já estava removendo um quadrado de prata de seu tear. Dan ficou em silêncio e infeliz em seu próprio quarto, onde o jato d'água tilintava fracamente, como um sino ao longe.

Como no dia anterior, Dan se levantou ao brilho do amanhecer e Galateia estava diante dele, recebendo-o na porta com sua tigela de frutas. Ali, ela depositou seu fardo e sorriu em saudação a Dan. Em seguida, ficou de frente para ele como se estivesse esperando algo.

— Venha comigo, Galateia — disse ele.

— Vamos aonde?

— À margem do rio. Para conversar.

Eles caminharam em silêncio até a beira do lago de Galateia. Dan notou uma diferença sutil no mundo ao seu redor; os contornos eram vagos, os finos silvos das flores menos audíveis e até a paisagem pareceu instável, mudando como fumaça quando ele não a fitava. E, estranhamente, embora ele tivesse a levado ali para conversarem, não tinha nada a dizer; só pôde ficar sentado, em um silêncio doloroso, com os olhos fixos na beleza do rosto da mulher.

Galateia apontou para o sol vermelho ascendente e disse: — Tão pouco tempo antes de você voltar para seu mundo fantasma. Ficarei triste, bem triste. — Ela tocou sua bochecha com os dedos. —

Querida sombra!

— E se eu não for? — disse Dan com a voz rouca — E se eu não sair daqui? — Sua voz ficou mais feroz: — Eu não vou! Vou ficar!

A tristeza no rosto de Galateia o paralisou; ele sentiu a ironia de lutar contra o progresso inevitável de um sonho.

A mulher falou: — Se eu pudesse fazer as leis, você ficaria. Mas você não pode, querido. Não pode!

Já esquecidas as palavras do Tecelão Cinza, Dan disse: — Eu te amo, Galateia.

— E eu a você — sussurrou ela. — Veja, querida sombra, como eu quebro a mesma lei que minha mãe quebrou, e estou feliz em enfrentar a tristeza que isso trará. — Ela colocou a mão com ternura sobre a dele. — Leucon é muito sábio e devo obedecê-lo, mas isso está além de sua sabedoria porque ele se deixou envelhecer. — Ela fez uma pausa e depois repetiu lentamente: — Ele se deixou envelhecer. — Uma luz estranha brilhou em seus olhos escuros quando ela se voltou de repente para Dan.

— Querido! — continuou ela, tensa. — Aquilo que acontece com o velho... aquela sua morte! O que acontece em seguida?

— O que se segue à morte? Quem sabe?

— Mas... — sua voz saiu trêmula. — Mas não se pode simplesmente... desaparecer! Deve haver um despertar.

— Quem sabe? — repetiu Dan. — Existe quem acredita que acordamos para um mundo mais feliz, mas... — Ele balançou a cabeça, desesperançado.

— Deve ser verdade! Tem de ser! — exclamou Galateia. — Deve existir para você algo mais do que o mundo louco do qual você fala! — Ela se inclinou para se aproximar de Dan. — Imagine, querido,

que eu mande meu amante designado embora quando ele chegar. Imagine que eu não tenha nenhum filho, mas me deixe envelhecer, mais velha que Leucon, até a morte. Eu me juntaria a você em seu mundo mais feliz?

— Galateia! — gritou enlouquecido. — Que pensamento terrível, minha querida.

— Mais terrível do que pode imaginar — sussurrou ela, ainda próxima a ele. — É mais que violação da lei, é rebelião! Tudo está planejado, tudo estava previsto, exceto isso; e se eu não tiver filho, seu lugar ficará vazio, assim como o de seus filhos, de seus netos e assim por diante, até que algum dia todo o grande plano de Paracosma falhará em qual seja seu destino. — Seu sussurro ficou muito fraco e amedrontador: — É destruição, mas eu te amo mais do que temo... a morte!

Os braços de Dan a enlaçaram. — Não, Galateia! Não! Me prometa!

— Posso prometer e depois quebrar minha promessa — murmurou ela e inclinou a cabeça; seus lábios tocaram os de Dan, e este sentiu uma fragrância e um gosto de mel no beijo. — Pelo menos posso te dar um nome pelo qual o amar. Filômetron! Medida do meu amor!

— Um nome? — murmurou Dan. Uma ideia fantástica passou por sua mente, uma maneira de provar a si mesmo que tudo isso era realidade e não apenas uma página que qualquer um que usasse os óculos mágicos do velho Ludwig poderia ler. Se Galateia falasse seu nome! Talvez, pensou ele ousadamente, talvez pudesse ficar! Ele a afastou e gritou:

— Galateia! Você se lembra do meu nome?

Ela assentiu em silêncio, seus olhos infelizes voltados para os dele.

— Então diga! — disse Dan. — Diga, querida!

Estúpida e miseravelmente ela o fitou, mas não emitiu som algum.

— Diga, Galateia! — implorou ele, desesperado. — Meu nome, querida, só meu nome!

A boca de Galateia se moveu; ela empalideceu com o esforço, e Dan poderia jurar que seu nome tremia naqueles lábios, embora nenhum som saísse deles.

Por fim, ela falou: — Eu não posso, meu querido! Não posso! Uma lei me proíbe! — De repente se empertigou, pálida como uma escultura de marfim. — Leucon o chama! — disse e disparou para longe.

Dan seguiu ao longo do caminho de pedregulhos, contudo a velocidade dela estava além de suas capacidades; no portal, encontrou apenas o Tecelão Cinza parado e com um olhar frio e severo. Este ergueu a mão quando Dan apareceu.

— Seu tempo é curto — disse Leucon. — Vá embora e pense na destruição que causou.

— Onde está Galateia? — arfou Dan.

— Eu a mandei embora.

O velho bloqueou a entrada. Por um momento, Dan o teria golpeado, mas algo o deteve; ele olhou fixamente para o prado... ali! Um lampejo de prata além do rio, na orla da floresta. Ele se virou e correu em direção a ela, enquanto o imóvel e frio Tecelão Cinza o observava partir.

— Galateia! — chamou Dan. — Galateia!

Ele estava sobre o rio, na margem da floresta, correndo através de panoramas em colunas que giravam ao seu redor, como névoa. O mundo ficou nublado; flocos finos dançaram como neve diante de seus olhos; Paracosma estava se dissolvendo à sua volta. Em meio ao caos, ele desejou um vislumbre da mulher, porém mesmo se aproximando continuou emitindo seu grito desesperado de “Galateia!”.

Depois de um tempo que pareceu interminável, ele parou; algo familiar sobre o local o atingiu, e assim que o sol vermelho apareceu acima dele, o homem reconheceu o lugar: o mesmo ponto pelo qual havia entrado em Paracosma! Uma sensação de futilidade o dominou, enquanto por um momento ele contemplou uma aparição inacreditável à sua frente — uma janela escura, pendurada no ar, através da qual brilhavam fileiras de luzes elétricas. A janela de Ludwig.

A janela ficou para trás. As árvores contorceram-se e o céu escureceu, Dan cambaleou vertiginosamente. De repente, ele percebeu que não estava mais em pé, mas sim sentado no meio da clareira, e suas mãos agarraram algo macio e duro — os braços daquela cadeira de hotel miserável. E então a viu, bem diante de si: Galateia, com feições abatidas pela tristeza, os olhos cheios de lágrimas, observando-o. Ele fez um esforço terrível para se levantar, ficou ereto e caiu esparramado sobre luzes resplandecentes.

Ele lutou para ficar de joelhos; paredes — o quarto de Ludwig — envolviam-no; ele devia ter escorregado da cadeira. Os óculos mágicos estavam diante dele, uma lente estilhaçada e derramando um fluido, não tão claro quanto água, porém branco como leite.

— Deus! — murmurou Dan. Sentia-se abalado, doente e exausto,

com uma sensação amarga de luto e sua cabeça doía muito. O quarto era monótono, nojento; ele queria sair dali. Sem pensar, olhou para o relógio; quatro horas — estava sentado ali durante quase cinco horas. Pela primeira vez, notou a ausência de Ludwig; ficou feliz com isso e saiu vagorosamente pela porta, em direção a um elevador automático. Não houve resposta ao chamado; alguém estava usando a coisa. Ele desceu três lances de escada até a rua e voltou para seu quarto.

Apaixonado por uma visão! Pior — apaixonado por uma mulher que nunca existiu, de uma utopia fantástica que literalmente não estava em lugar algum. Jogou-se na cama com um gemido soluçado.

Por fim, percebeu a implicação do nome da mulher. Galateia — a estátua de Pigmaleão que ganhou vida graças à Vênus, no antigo mito grego. Mas sua Galateia, quente, amável e vital, deveria permanecer para sempre sem o dom da vida, visto que ele não era Pigmaleão nem Deus.



Ele acordou no final da manhã, olhando confuso à sua volta, à procura da fonte e do lago de Paracosma. A compreensão lentamente o atingiu; quanto... Quanto da experiência da noite anterior tinha sido real? Quanto fora produto do álcool? Ou o velho Ludwig estava certo e não existia diferença entre sonho e realidade?

Ele mudou seu traje amarrotado e vagou desanimado para a rua. No fim, encontrou o hotel de Ludwig; uma averiguação revelou que o diminuto professor havia realizado o *check-out* sem deixar endereço de destino.

E qual a importância disso? Nem mesmo Ludwig poderia dar o

que ele buscava: uma Galateia viva. Dan ficou feliz pelo professor ter desaparecido, porque o odiava. Professor? Hipnotizadores se autodenominam de “professores”. Dan arrastou-se por um dia cansativo e depois por uma noite sem dormir de volta a Chicago.

Era meado do inverno quando Dan avistou uma figura sugestivamente minúscula no Loop. No entanto, de que adiantava saudá-la? Seu grito foi automático: — Professor Ludwig!

A figura élfica virou-se, reconheceu-o e sorriu. Eles entraram em um edifício.

— Me desculpe por sua máquina, professor. Ficarei feliz em pagar pelo dano.

— Ah, aquilo não foi nada, só um vidro quebrado. Mas você... esteve doente? Parece muito pior.

— Não é nada — disse Dan. — Seu show foi maravilhoso, professor... maravilhoso! Eu ia te dizer isso, mas você tinha ido embora quando acabou.

Ludwig encolheu os ombros. — Fui fumar um charuto no saguão. Cinco horas com um boneco de cera, sabe como é!

— Foi maravilhoso! — repetiu Dan.

— Pareceu real? — O professor sorriu. — Só porque você cooperou, então. É preciso para a auto-hipnose.

— Foi muito real — concordou Dan, taciturno. — Eu não entendo... aquela terra bonita e estranha.

— As árvores eram musgos ampliados por uma lente — disse Ludwig. — Tudo era um truque de fotografia, mas estereoscópico; tridimensional, como eu disse a você. As frutas eram de borracha e a casa é uma construção de verão em nosso *campus*, a Universidade do Norte. A voz era minha; você não falou nada, exceto o seu nome

no começo, e deixei isso em aberto. Interpretei o seu papel, entende? Eu andava com o aparato fotográfico preso à cabeça, para sempre manter o ponto de vista igual ao do observador. — Ele sorriu ironicamente. — Por sorte sou bem baixo, senão você teria parecido um gigante.

— Espere um minuto! — disse Dan; sua mente girando. — Você diz que desempenhou meu papel. Então Galateia... ela *é real* também?

— A Tea é real, sim — disse o professor. — É minha sobrinha, veterana da Universidade do Norte, e gosta de teatro. Ela me ajudou com a coisa. Por quê? Gostaria de conhecê-la?

Dan deu uma resposta vaga, feliz. Uma dor havia desaparecido; foi aliviada. Paracosma finalmente estava ao seu alcance!

FIM

Copyright © EDITORA ANDARILHO, 2021

Todos os direitos reservados.

Os óculos de Pigmalião

Todos os personagens e acontecimentos neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma — meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação — sem a permissão expressa, por escrito, do editor.

O texto deste livro obedece às normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TRADUÇÃO

Gustavo Terranova

REVISÃO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Natália Mieko Okamoto

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Ady Setiawan

Editora Andarilho

editoraandarilho.com